

Engels e a elaboração do Manifesto Comunista

ARIOVALDO DE OLIVEIRA SANTOS

1. INTRODUÇÃO

Embora o nome de Engels figure no *Manifesto do Partido Comunista*, o texto, destinado a servir de carta-programa para a Liga dos Comunistas, é de inteira responsabilidade de Marx.¹ Além disso, o próprio Engels atribui a Marx todos os méritos da

idéia fundamental que penetrou todo o *Manifesto* — a saber: que a produção econômica e a estrutura social que dela deriva necessariamente em cada época histórica constituem a base sobre a qual repousa a história política e intelectual dessa época; que, portanto, toda a história (desde a dissolução do regime primitivo de propriedade comum da terra) foi uma história da luta de classes, da luta entre classes exploradoras e classes exploradas, dominantes e dominadas, nas diferentes fases do desenvolvimento social; e que agora essa luta chegou a uma fase em que a classe explorada e oprimida (o proletariado) não pode emancipar-se da classe que a explora e a oprime sem emancipar, ao mesmo tempo e para sempre, a sociedade inteira da exploração, da opressão e da luta de classes.²

No entanto, se é legítimo afirmar que o *Manifesto* é de plena autoria de Marx, se faz necessário reconhecer, igualmente, que desde a sua aparição ele ostenta também o nome de Engels na posição de co-autor. Decisão que, de resto, foi tomada por Marx valendo-se de critérios outros que não a amizade que nutria por Engels. Este fato é significativo no sentido de se apreender que a posição de modéstia de Engels em relação a Marx mascara, de fato, a sua importância no processo de elaboração da concepção materialista da história. Assim, são bastante pertinentes as observações de Mehring quando afirma que “Engels sempre reconheceu em Marx a superioridade do gênio”. Porém, na realidade, jamais foi deste um simples intérprete ou auxiliar e sim um colaborador autônomo, pois seu talento, se bem que não se confundisse com o de Marx, também não era inferior”.³ Destacam-se, nesse sentido, o texto de Engels intitulado *Esboço de crítica da economia política* e também seu livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Dois estudos reconhecidos como de grande importância pelo próprio Marx no processo de elaboração de uma compreensão verdadeiramente crítica da sociedade burguesa.

* Professor da Universidade Estadual de Londrina.

Assim, são bastante pertinentes as observações de Mehring quando afirma que “Engels sempre reconheceu em Marx a superioridade do gênio”. Porém, na realidade, jamais foi deste um simples intérprete ou auxiliar e sim um colaborador autônomo, pois seu talento, se bem que não se confundisse com o de Marx, também não era inferior.

Nesse sentido, o objetivo proposto por este artigo é recuperar um pouco da contribuição dada por Engels no processo de elaboração do *Manifesto do Partido Comunista*. Tarefa tanto mais necessária uma vez que, quando se comemoram os 150 anos do *Manifesto*, todas as luzes se voltam para o pensamento marxiano e obscurecem quase totalmente a contribuição direta dada por Engels no que concerne ao desenvolvimento de uma reflexão inteiramente original e que, desde o século passado, desmistifica as reais estruturas da sociedade burguesa e suas contradições internas insolúveis.

2. ORIGEM ENGELSIANA DO MANIFESTO COMUNISTA

Curiosamente, neste momento em que se celebram os 150 anos do *Manifesto Comunista*, uma total desconsideração é feita à existência de um outro texto de autoria de Engels, intitulado *Princípios do comunismo*. E, no entanto, é esse documento e não o *Manifesto* que deveria servir, inicialmente, de carta-programa para a Liga dos Comunistas. Se tal não ocorreu, foi decorrência de uma posição voluntária do próprio Engels, que considerou o texto insuficiente e o remeteu a Marx, juntamente com uma série de sugestões.

As razões para uma tal atitude por parte de Engels são possíveis de ser encontradas através da leitura das cartas quase cotidianas endereçadas a Marx. Havia, antes de tudo, o problema da forma da redação dos *Princípios*. Diferentemente do *Manifesto*, os *Princípios* de Engels, redigidos em 1847, se apresentavam sob a forma de perguntas e respostas. Certo, ao proceder dessa maneira, o autor procurava responder a questões que lhe haviam sido enviadas pela direção da Liga dos Comunistas. No entanto, havia o inconveniente de que o sistema de perguntas e respostas, freqüentemente utilizado pelos teóricos do nascente movimento operário nessa primeira metade do século XIX, poderia conduzir a uma identificação entre os comunistas da Liga e as diversas tendências socialistas e comunistas existentes à época e cujos princípios estavam distantes de assumir a dimensão que Marx e Engels procuravam dar ao movimento. Assim, a forma do texto se apresentava como importante na medida em que, de imediato, se revestia de um conteúdo político claro, isto é, o esforço de distanciar-se, nos mínimos detalhes, do socialismo e do comunismo utópicos dominantes nas fileiras operárias. Cite-se como exemplo o texto de Moses Hess intitulado *Catecismo comunista*.⁴

No entanto, além da forma do texto, Engels considerou insuficientes e se revelou bastante descontente com os resultados obtidos no que concerne ao conteúdo dos *Princípios do comunismo*. Descontentamento que se acentua tendo em vista que o texto deveria ser submetido à apreciação do congresso da Liga, realizado em Londres de 29 de novembro a 8 de dezembro de 1847. Evento que, para Engels, significava um duelo de vida ou morte entre a antiga e a nova concepção de movimento social e a luta dos trabalhadores por ele defendida, juntamente com Marx. Essa preocupação é evidente na carta que escreve a Marx em 23-24 de novembro de 1847 em que afirma, a propósito do futuro congresso da Liga: “É necessário que esse congresso seja decisivo e dessa vez tudo deve se desenrolar como nós o entendemos.”⁵ A dimensão dessa luta não era pequena se considerado que os esforços para dotar o movimento operário de uma teoria comunista conseqüente implicavam, diretamente, o combate às tendências sectárias que militavam no mundo do trabalho.

A necessidade de adequar o texto às necessidades do futuro congresso da Liga foi determinante na decisão de Engels de enviar o texto a Marx para que este aportasse melhorias no documento. Ainda na carta anteriormente citada, Engels aconselha Marx a refletir sobre a melhor forma de adaptar o texto às necessidades do congresso da Liga e acrescenta:

[...] acredito que é preferível abandonar a forma de catecismo e intitular esta brochura *Manifesto Comunista*. Como nos é necessário falar mais ou menos de história, a forma atual não convém. Envio o projeto que fiz aqui [em Bruxelas], ele se pretende simplesmente narrativo, mas está muito mal redigido pois o escrevi extremamente rápido. Começo assim: o que é o comunismo? e imediatamente após falo do proletariado — origem, diferença com os operários de outrora, desenvolvimento da oposição entre a burguesia e o proletariado, crises, conseqüências que se devem extrair. No meio de tudo isso, toda espécie de pontos secundários e enfim a política do partido comunista na medida em que ela deve ser tornada pública. Este projeto não se encontra ainda inteiramente no ponto para ser submetido à aprovação da Liga, mas penso fazê-lo ser aceito [...] sob uma tal forma que nada que figure seja contrário às nossas idéias.⁶

A passagem citada é reveladora da preocupação de Engels com a forma e o conteúdo dos *Princípios*. Mas é importante observar também que parte de Engels a sugestão de que o texto se chame *Manifesto Comunista*. A sugestão que faz reflete claramente a importância dada por Engels em precisar e, ao mesmo tempo, distanciar a reflexão por ele defendida, juntamente com Marx, do pensamento socialista e comunista até então dominante no emergente movimento operário europeu. Preocupação que pode ser observada no “Prefácio” que escreve em 1890 para a edição alemã do *Manifesto*. Segundo Engels, a situação existente em 1847 nas fileiras do movimento operário tornava impossível atribuir ao texto o título de *Manifesto socialista*, pois

compreendiam-se com o nome de socialista duas categorias de pessoas. De um lado, os partidários de diferentes sistemas utópicos, particularmente os owenistas na Inglaterra e os fourieristas na França, que não passavam de simples seitas em processo de extinção paulatina. Por outro lado, os mais diversos curandeiros sociais de toda espécie que, com suas variadas panacéias e emplastos de todo tipo, pretendiam fazer desaparecer as misérias sociais sem provocar o menor mal ao capital e ao lucro. Em todo caso, eram pessoas que se encontravam fora do movimento operário e que buscavam apoio mais nas classes “instruídas”. Em troca, a parte dos operários que, convencida da insuficiência das revoluções meramente políticas, exigia uma transformação radical da sociedade se chamava então de *comunista* [...] O socialismo representava em 1847 um movimento burguês; o comunismo, um movimento operário. O socialismo era, ao menos no continente, muito respeitável; o comunismo era totalmente o contrário. E como nós já sustentávamos naquele tem-

po, de maneira muito decidida, o critério de que a “emancipação da classe operária deve ser obra da própria classe operária”, não pudemos vacilar um só instante sobre qual das duas denominações deveria ser escolhida. E posteriormente jamais nos ocorreu renunciar a ela.⁷

É importante também observar que Engels fala de “nossas idéias”, isto é, se reconhece como participante ativo no processo de elaboração da concepção materialista da história por eles defendida. Procedimento que afasta a impressão de que ele foi um espectador privilegiado ou simples divulgador desses princípios. Enfim, se de uma parte Engels propõe o abandono da forma de catecismo assumida pelos *Princípios*, sua crítica é menos radical no que concerne ao conteúdo do texto. Ele não propõe o abandono dos problemas levantados, tais como a explicação do que é o comunismo (na perspectiva defendida tanto por ele quanto por Marx), ou o lugar do proletariado em sua oposição à burguesia e ao capital. O que o preocupa é a insuficiência como esses problemas foram tratados e a possibilidade de avançar mais nessa reflexão, sobretudo através do abandono da estrutura de perguntas e respostas.

Os elementos anteriormente mencionados contribuem para uma melhor apreensão da participação ativa de Engels no processo de elaboração do *Manifesto do Partido Comunista*, muito embora a redação deste tenha sido de inteira responsabilidade de Marx. Porém, o *Manifesto*, ainda que redigido de uma maneira totalmente diferente dos *Princípios*, incorporou destes várias formulações. Certamente, escapa às possibilidades de um artigo realizar uma abordagem exaustiva das várias formulações engelsianas incorporadas à redação do *Manifesto*. No entanto, no intuito de recuperar a importância de Engels no interior do pensamento marxiano, propomos, no item seguinte deste artigo, algumas pistas de análise.

3. A PRESENÇA DOS PRINCÍPIOS DO COMUNISMO NO MANIFESTO

O fato de o *Manifesto Comunista* ter sido redigido inteiramente por Marx não implicou, por parte deste, o abandono de numerosas idéias contidas nos *Princípios do comunismo*. Uma primeira idéia-força que domina os *Princípios* e que reaparece no *Manifesto* concerne à história como palco da luta de classes. No entanto, enquanto no *Manifesto* a idéia é brevemente anunciada na abertura do texto, outro é o procedimento adotado nos *Princípios*.

Engels se esforça em demonstrar tanto como o proletariado é filho da Revolução Industrial quanto as diferenças existentes entre a despossessão operária e outras formas de despossessão das massas de trabalhadores existentes ao longo da história. Por outras palavras, à afirmação bastante genérica do *Manifesto* de que “a história de todas as sociedades até os nossos dias é a história das lutas de classe”, Engels apresenta uma abordagem mais detalhada das formas concretas revestidas por essa dominação e, mais ainda, das características mais perversas da despossessão do proletariado em face da despossessão vivida pelo escravo, pelo servo e pelo operário artesão.

Dos *Princípios* vem também a abordagem, retomada pelo *Manifesto*, da grande indústria como produtora de um mercado mundial que arrasta à civilização todos os povos da terra, mesmo aqueles das regiões mais distantes. Desenvolvimento cada vez mais universal que intensifica o desenvolvimento das forças produtivas, mas cria ao mesmo tempo a possibilidade de uma revolução social de caráter continental conduzida pelo proletariado dos diversos países. A grande indústria, diz Engels,

ligou uns aos outros todos os povos da terra, uniu em um só mercado mundial todos os pequenos mercados locais, preparou ao mesmo tempo o terreno para a civilização e o progresso e fez as coisas de tal maneira que tudo o que se realiza nos países civilizados deve necessariamente repercutir nos demais, isto é, se os operários da Inglaterra ou da França se libertam agora, isso deve suscitar revoluções em todos os demais países, revoluções que cedo ou tarde culminarão também aí na libertação dos operários.⁸

Também dos *Princípios* vem a abordagem, presente no *Manifesto*, de que “a burguesia não forjou somente as armas que devem conduzir à sua morte; ela produziu também os homens que empunharão essas armas: os operários modernos, os proletários”.⁹ Outro não é o sentido da passagem dos *Princípios* em que Engels afirma:

a revolução industrial criou em todas as partes o proletariado na mesma medida em que a burguesia [...] Ao mesmo tempo, a revolução industrial agrupa os burgueses e os proletários em grandes cidades, nas quais é mais vantajoso fomentar a indústria, e com essa concentração de grandes massas em *um mesmo* lugar incute nos proletários a consciência de sua força. Logo, na medida do progresso da revolução industrial, na medida em que se inventam novas máquinas, que eliminam o trabalho manual, a grande indústria exerce um poder crescente sobre os salários e os reduz [...] ao mínimo, tornando a situação do proletário cada vez mais insuportável. Assim, de um lado, como

conseqüência do descontentamento crescente do proletariado e, por outro lado, do crescimento do poderio deste, a revolução industrial prepara a revolução social que o proletariado tem que realizar.¹⁰

Outra grande abordagem do *Manifesto*, extraída dos *Princípios*, concerne ao tema da sociedade comunista. No entanto, sobre esse ponto, emerge uma profunda diferença na elaboração engelsiana e a desenvolvida por Marx. De sua parte, Marx se limita a ressaltar a necessidade da sociedade comunista enquanto condição *sine qua non* para a emancipação social. Centra ainda a atenção nas tarefas imediatas da revolução comunista, isto é, se limita a explicar o que é a revolução proletária e quais as tarefas imediatas que se colocam ao proletariado no momento subsequente à tomada do poder. Segundo Marx, a

revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações de propriedade tradicionais; nada de estranho existe no fato de que no curso de seu desenvolvimento ela rompa da maneira mais radical possível com as idéias tradicionais [...] o primeiro passo da revolução operária é a elevação do proletariado a classe dominante, à conquista da democracia [...] O proletariado se valerá de sua dominação política para arrancar gradualmente à burguesia todo o capital, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante, e para aumentar com a maior rapidez possível a quantidade das forças produtivas [...] Isto, naturalmente, só poderá cumprir-se, no princípio, por uma violação despótica do direito de propriedade e das relações burguesas de produção, isto é, pela adoção de medidas que do ponto de vista econômico aparecerão como insuficientes e insustentáveis, porém que no curso do movimento se sobrepassarão a si mesmas e serão indispensáveis como meio para transformar radicalmente todo o modo de produção [...] Uma vez que no curso do desenvolvimento tenham desaparecido as diferenças de classe e se tenha concentrado toda a produção nas mãos dos indivíduos associados, o poder público perderá seu caráter político [e, em] substituição à antiga sociedade burguesa, com suas classes e seus antagonismos de classe, surgirá uma associação em que o livre desenvolvimento de cada um será a condição do livre desenvolvimento de todos.¹¹

Enquanto Marx se limita às tarefas imediatas da revolução, a abordagem de Engels procura ir além, de modo a descrever como se configuraria em linhas gerais a sociedade comunista. Procedimento que, em certo sentido, havia adotado à época dos “Discursos” de Elberfeld. Certo, trata-se para Engels de responder a certas questões colocadas pelo comitê central da Liga dos Comunistas. Mas como não ver nisso uma certa imprudência que aproxima muito

mais esse momento dos *Princípios* das futurologias sociais que eles combatiam do que da análise concreta da realidade que tanto Engels quanto Marx propugnavam?

O fato de o *Manifesto comunista* ter sido redigido inteiramente por Marx não implicou, por parte deste, o abandono de numerosas idéias contidas nos *Princípios do comunismo*. Uma primeira idéia-força que domina os *Princípios* e que reaparece no *Manifesto* concerne à história como palco da luta de classes.

São de questões levantadas pelos *Princípios* que se nutre o *Manifesto* e, nesse sentido, os limites contidos na redação de Engels foram devidamente tomados em consideração por Marx, que não se furta à abordagem do problema mas sim lhe dá um tratamento mais elaborado, evitando recair no espírito das futurologias de como seria estruturada em detalhes a sociedade comunista.

De fato, uma multiplicidade de outros pontos presentes nos dois textos e que foram ora mais, ora menos desenvolvidos, tanto em um quanto em outro, poderiam emergir de um estudo comparativo mais detalhado entre os *Princípios do comunismo* e o *Manifesto comunista*. É o caso, por exemplo, das diferenças existentes entre a política desenvolvida pelos socialistas e comunistas. Enquanto Engels a resume na questão 24 de seus *Princípios* (“Qual é a diferença entre os comunistas e os socialistas?”), Marx se apropria do debate mais longamente, como pode ser observado no item 3 do *Manifesto*, destinado a analisar a literatura socialista e suas diferenças em face da literatura comunista. Diferenciação que se acentua no quarto e último item do *Manifesto*, quando Marx analisa a atitude dos comunistas diante dos diferentes partidos de oposição. Contudo, isso não invalida o argumento central que procuramos desenvolver neste artigo, isto é, que os dois textos não podem ser vistos como excludentes mas, pelo contrário, são complementares. Nesse sentido, não se justifica o esquecimento relativo ao qual foi relegado o texto de Engels e a atenção quase exclusiva dada ao

Manifesto, por ocasião do transcurso de seus 150 anos de existência. Enfim, os textos são complementares ainda se considerarmos a dimensão revolucionária tanto dos *Princípios* quanto do *Manifesto*. Caráter revolucionário expresso, entre outros, pelo reconhecimento da impossibilidade de resolução dos problemas verdadeiramente humanos no interior da sociedade de classes e, em particular, da sociedade burguesa. Situação que conduz à reivindicação de um papel verdadeiramente transformador por parte do proletariado, sem o que a saída da pré-história da humanidade não será jamais possível e a emancipação social uma simples quimera.

CONCLUSÃO

Assim, é do reconhecimento das insuficiências contidas nos *Princípios do comunismo* que se constitui o caminho para a redação, por Marx, do *Manifesto do Partido Comunista*. Nesse percurso, Engels desempenhou um papel decisivo, seja apontando conscientemente o limite de sua reflexão, seja fornecendo os *Princípios* a Marx para que este localizasse as insuficiências do texto e elaborasse uma reflexão mais adequada ao exigido pela situação existente naquele momento nas fileiras do nascente movimento operário.

Diante do exposto, não é a cortesia que leva Marx a reconhecer o *Manifesto* como uma criação também de Engels. Trata-se, na realidade, do reconhecimento, por parte do primeiro, da importância da reflexão engelsiana no processo de elaboração do *Manifesto*, para nos limitarmos aqui a esse momento da obra desenvolvida pelos dois autores. Além disso, é impossível negar o papel desempenhado por Engels como propagandista do *Manifesto* tanto à época de Marx quanto após sua morte.

Nesse momento em que se comemoram os 150 anos de redação do *Manifesto*, se faz igualmente importante comemorar os de redação dos *Princípios do comunismo*. E, mais ainda, retomar a sua leitura, pela importância que guarda para as lutas futuras a serem travadas pelo mundo do trabalho.

NOTAS

- ¹ “A Liga dos Comunistas, associação operária internacional que, naturalmente, dadas as condições da época, só podia existir em segredo, encarregou os que o subscrevem, no congresso celebrado em Londres em novembro de 1847, que redigissem um programa detalhado do partido, ao mesmo tempo teórico e prático, destinado à publicação. Essa é a origem deste *Manifesto*, cujo manuscrito foi enviado a Londres, para ser impresso, algumas semanas antes da revolução de fevereiro” (F. Engels y K. Marx, “Prefacio a la edición alemana de 1872”, em *Obras escogidas I* (Moscou: Editorial Progreso, 1974), p. 99.
- ² F. Engels, “Prefacio de F. Engels a la edición alemana de 1883”, em K. Marx et F. Engels, *Obras escogidas I*, cit., p. 102.
- ³ F. Mehring, *Carlos Marx* (Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1983), p. 243.
- ⁴ Moses Hess, “Catéchisme communiste”, em Jacques Grandjón (coord.), *Marx et les communistes allemands à Paris* (“Worwärts”, 1844) (Paris: Maspéro, 1974), pp. 187-199.
- ⁵ K. Marx et F. Engels, *Correspondence, Tome I (novembre 1835-décembre 1848)* (Paris: Editions Sociales, 1971), p. 507.
- ⁶ *Ibid.*, pp. 507-508.
- ⁷ F. Engels, “Préface au *Manifeste* (1890)”, em K. Marx et F. Engels, *Le Manifeste communiste* (Paris: Alfred Costes Editeur, 1934), p. 50.
- ⁸ F. Engels, “Principios del comunismo”, em K. Marx y F. Engels, *Obras escogidas I*, cit., p. 86.
- ⁹ K. Marx y F. Engels, “Manifesto del partido comunista”, em K. Marx y F. Engels, *Obras escogidas I*, cit., p. 117.
- ¹⁰ F. Engels, “Principios del Comunismo”, cit., p. 88.
- ¹¹ K. Marx y F. Engels, “Manifesto del partido comunista”, cit., pp. 129-130.

